

ECONOMIA DE GUERRA E GUERRA ECONÔMICA

Por Gabriel Camilli*

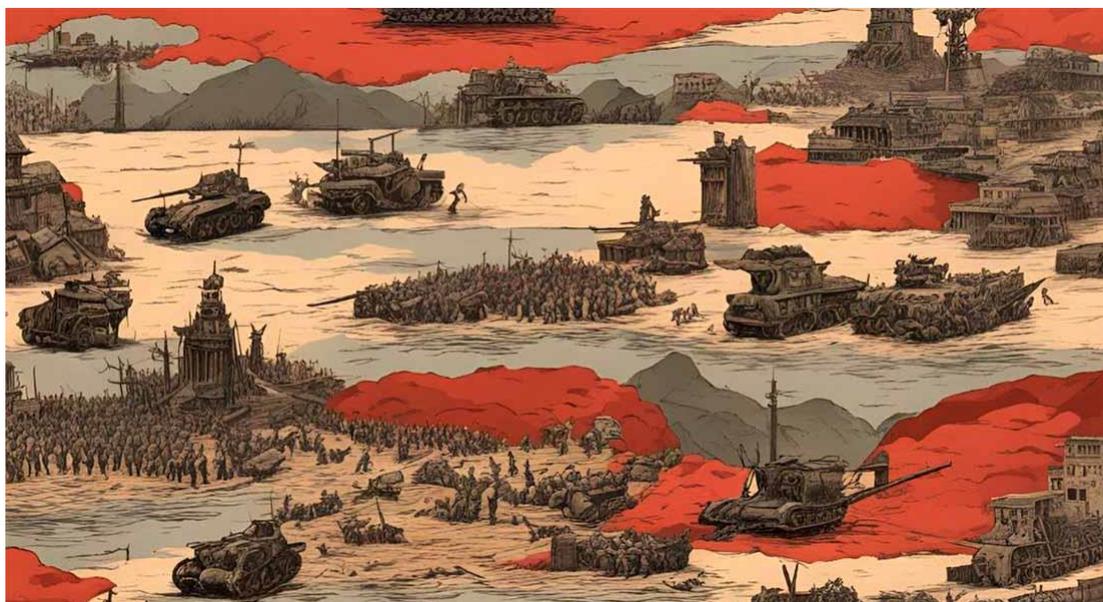


Imagem gerada por inteligência artificial.

Estará e Europa preparada para uma economia de guerra, para uma mobilização do seu sistema produtivo visando um rearmamento estratégico?

A Ucrânia está sob enorme pressão. Embora a Rússia tenha rompido a primeira linha de defesa perto de Pokrovsk, a Ucrânia precisa urgentemente de novos soldados. Mas será que o presidente Volodymyr Zelensky – conforme anunciou – conseguirá mobilizar mais 160 mil soldados?

SITUAÇÃO NA FRENTE EM TORNO DE POKROVSK

A Ucrânia construiu três linhas de defesa nos últimos anos. “*Há combates nestas linhas defensivas*”, diz Reisner. “*A primeira linha já foi quebrada. Os russos estão na segunda linha e estão tentando passar para a terceira*”, acrescentou. Isso no campo de batalha.

Mas, como temos salientado, a guerra na Ucrânia está sendo travada em outras frentes, não militares e em linha com o nosso recente artigo publicado: [Guerra irrestrita: as sanções contra a Rússia estão funcionando?](#) Acreditamos que, na nossa perspectiva, a Rússia compensou as sanções e os problemas impostos pelo cerco financeiro, industrial e comercial do Ocidente. Fato que, no contexto do novo mundo desenhado pela guerra na Ucrânia, nos convida a refletir sobre um tema: a economia de guerra não é o mesmo que a guerra econômica. Enquanto a guerra econômica é a utilização, tanto em um contexto explícito como em uma situação de paz, das finanças, da indústria e de empresas estratégicas como força motriz

para exercer pressão sobre um país hostil (guerra irrestrita), a economia de guerra refere-se à alocação de recursos e gestão de suprimentos dentro de um sistema envolvido em um cenário de conflito.

HISTÓRIA MILITAR

A história militar nos ensina com um exemplo relacionado à Segunda Guerra Mundial. A economia de guerra foi a racionalização da produção imposta pelo governo de Winston Churchill para projetar a produção aeronáutica na época da Batalha da Grã-Bretanha; a guerra econômica foi a campanha de bombardeio contra a Alemanha destinada a atingir a força de trabalho e os setores industriais de componentes (especialmente rolamentos) do Reich.

Outro exemplo, a decisão de Stalin de transferir grande parte da capacidade industrial soviética para além dos Urais em 1941, frente à invasão alemã, foi uma economia de guerra; foi uma guerra econômica que levou o Exército Vermelho a queimar os campos petrolíferos de Majkop e do Cáucaso no ano seguinte, para não deixá-los cair nas mãos dos alemães.

Perante o regresso da economia de guerra na Europa, a covid foi, por assim dizer, o ensaio geral. A Ucrânia é a versão ampliada do drama. Com sua comparação “*armas como vacinas*”, talvez a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, tenha inadvertidamente consolidado esta interpretação.

ECONOMIA DE GUERRA

Falar de uma economia de guerra é compreender o estado de conflito em que a Europa, e o chamado Ocidente (rico e atlantista), se encontra com a Rússia, e o fato de esta impor políticas dignas de uma guerra irrestrita. Desta forma, planejar uma campanha envolve racionalizar as forças produtivas em setores em que se acredita que o adversário pode explorar vulnerabilidades e, portanto, realizar ações de guerra econômica contra o tecido produtivo nacional russo. No passado recente, estavam sob escrutínio atento os setores eram a energia, o cibernético, as tecnologias críticas e a infraestrutura. Hoje, a OTAN fala em passar para a segunda fase do planejamento da economia de guerra, a da mobilização do sistema produtivo funcional para o rearmamento estratégico.

Segundo vários analistas, a economia de guerra para a qual a Europa se prepara terá que ser avaliada sob uma série de parâmetros nos quais terão que ser consideradas a resiliência do sistema produtivo europeu, a segurança das fontes de abastecimento e as estratégias de gestão de confronto com rivais como a Rússia, bem como o “estado da arte” ditado por aliados como os Estados Unidos.

Na atual Guerra Europeia, foram identificados alguns parâmetros a serem considerados:

a) Mobilização: o primeiro nível em que uma economia de guerra deve ser avaliada é o da mobilização setorial de todas as energias disponíveis. Para a Europa, no domínio da energia, esta mobilização da economia de guerra tornou-

se evidente com a corrida para substituir o gás russo. A economia de guerra também promove políticas de aceleração tecnológica no futuro.

b) “Keynesianismo Militar”: Os dados do PIB mostram que um verdadeiro exemplo de “Keynesianismo militar” está em pleno andamento na Rússia, o terceiro fator-chave para uma economia de guerra. Da mesma forma, na Europa e nos Estados Unidos a aceleração dos investimentos em defesa certamente existe e a ameaça russa fornece as justificativas. Além da autodefesa, os gastos militares tendem a inflacionar em um contexto de economia de guerra porque a emergência exige o rearmamento e isto mobiliza uma grande quantidade de recursos públicos. O orçamento de defesa de um governo, em uma aplicação acelerada dos ditames de John Maynard Keynes, estabiliza o ciclo econômico ao expandir significativamente a demanda pública. Isto também se aplica, na situação atual, aos setores intensivos em energia e tecnologia. Em outras palavras, o investimento militar também ajuda a gerar PIB. E isto pode, no curto prazo, justificar os gastos militares com crescimento econômico. Uma economia mobilizada impõe um planejamento governamental crescente. Para muitos países, a covid tem sido um campo de treinamento.

FATORES CRÍTICOS

Existem dois fatores críticos em que a capacidade da Europa para levar a sua mobilização aos níveis anteriores à guerra deve ser testada. Ou seja, aqueles que fazem a diferença para tornar estrategicamente sustentável uma reconversão econômica desta magnitude.

1) A economia de guerra entre sacrifícios e inflação: de um lado, existe a vontade de sacrifício ou, melhor, a confirmação de um princípio: a economia de guerra custa dinheiro. Este exemplo é demonstrado pelo aumento dos preços de serviços aparentemente garantidos. Durante estes dois anos, a Europa aceitou sofrer danos maiores do que os dos Estados Unidos e ver suas dificuldades econômicas se intensificarem para perseguir o objetivo de subjugar a Rússia com sanções, enquanto os preços da energia dispararam;

2) Temos a inflação como companheira estrutural de um sistema mobilizado na economia, na verdade, “pela guerra”. A inflação energética e a inflação devida à ganância, ou seja, lucros extraordinários (financeiros, farmacêuticos e energéticos acima de tudo), já contribuíram para criar tensões sociais significativas no Ocidente desde a pandemia. Estará a Europa preparada para a inflação da mobilização para a guerra? E, de forma mais geral, estarão as pessoas dispostas a fazer uma transformação tão radical? As elites dominantes apostam nisso. O poder de permanência do sistema ainda está por ser visto. E a questão chave é: em nome de que visão de mundo a população está se mobilizando? Segundo analistas sérios e responsáveis, sem clareza sobre esta questão, a Europa continuará a ser objeto, e não sujeito, de dinâmicas internacionais.

ENSINAMENTOS PARA ESSES PAMPAS...

A Lei nº 23.554 de Defesa Nacional (na Argentina), sancionada e promulgada em abril de 1988, em seu TÍTULO I, diz: “Art. 1º: Esta Lei estabelece as bases legais, orgânicas e funcionais fundamentais para a preparação, execução e controle da defesa nacional. Art. 2º: Defesa Nacional é a integração e ação coordenada de todas as forças da Nação para a solução dos conflitos que requeiram o uso das Forças Armadas, de forma dissuasora ou eficaz, para enfrentar agressões de origem externa.”

Sua finalidade é garantir permanentemente a soberania e independência da Nação Argentina, sua integridade territorial e capacidade de autodeterminação; proteger a vida e a liberdade dos seus habitantes.

“Art. 3º – A Defesa Nacional assume a forma de um conjunto de planos e ações que visam prevenir ou superar os conflitos que essas agressões geram, tanto em tempos de paz como de guerra, norteados todos os aspectos da vida da Nação durante o evento bélico, bem como consolidar a paz, uma vez terminada a guerra.”

Impõe-se, portanto, “pensar na defesa nacional”, aprender com as lições indiretas que a atual e premente situação internacional nos oferece.

É necessário ter disposições para a reorganização da indústria e da produção do país para se adaptar às necessidades de um conflito de guerra. Isto envolve planejar para que, se necessário, possamos ajustar a produção para maximizar a capacidade de distribuição e assim contribuir para o esforço de guerra.

Caso alguém pense que isto é uma fantasia, dizem que o fato mata a história... “52 bilhões de dólares em fluxos de caixa por ano: estas são as receitas esperadas para 2026 pelas 15 principais empresas de defesa a nível mundial, um valor que duplica o resultado de 2021. Estas são as conclusões da Vertical Research Partners, empresa de análises dedicada a estudos do mundo empresarial e industrial, que demonstraram a saúde financeira e produtiva do sistema de defesa global. A pesquisa VRP, encomendada pelo Financial Times, mostra a saúde financeira e industrial do sistema e, sobretudo, o fato de as operações subjacentes ao rearmamento estarem destinadas a entrar em pleno apogeu.”

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
